



Aprender chinês para dominar os negócios

Saber falar mandarim é uma aposta no futuro. Com os negócios a fazerem-se cada vez mais com a China, conhecer esta língua vai ser uma mais valia importante no sucesso profissional.

Mais do que paixão pela língua e pelo Oriente, na maioria das vezes é um amor por interesse e razões económicas o que está por trás do aumento da procura das aulas de chinês. “Saber mandarim é uma vantagem competitiva. Dentro de poucos anos, vai ser um requisito importante para aumentar o nível salarial. É um recurso valorizado no mundo dos negócios”, diz Fernando Neves de Almeida, presidente da ‘executive search’ Boyden em Portugal.

A maioria dos alunos que estuda chinês não o faz com a intenção de fazer as malas e partir rumo ao Oriente, mas antes como aposta no futuro, aprendendo a língua do país que está a aumentar, de dia para dia, o seu poder económico. E agora que a China aumentou a sua visibilidade e importância em Portugal, com a entrada no capital da EDP e da REN, despertou ainda mais interesse nos portugueses por este país oriental. “A China vai ser a segunda ou mesmo a primeira potência do mundo a médio prazo. E o mandarim vai ser uma língua muito importante para fazer negócios internacionais”, sublinha Fernando Neves de Almeida.

O aumento da procura das aulas de chinês é a melhor prova deste interesse crescente e o perfil dos alunos não podia ser mais diversificado. No Instituto Confúcio da Universidade de Lisboa estudam “CEO, advogados, engenheiros, professores, gestores, médicos, etc.”, conta a directora, Zhu Li.

“O facto de a China estar cada vez mais presente na vida económica dos portugueses vai trazer a necessidade de formação de pessoas com capacidade de comunicar com os chineses”, afirma Sun Lam, directora do Instituto Confúcio do Minho.

UNIVERSIDADES

Macau como ponte

“Macau tem um nicho muito especial que é o da língua portuguesa e o desafio é grande, urgente e competitivo já que concorremos com outros países asiáticos, além dos Estados Unidos”, diz António Rendas, presidente do conselho de reitores (CRUP). “Não se trata de trazer para Portugal dez chineses nem de irem dez portugueses para Macau, mas umas largas centenas de chineses, como acontece na Escócia, por exemplo, que tem 20 e tal por cento dos estudantes vindos da Ásia”, adianta o reitor. O CRUP está a trabalhar na cooperação a vários níveis com a Universidade de Macau: científica, académica (do 1º ciclo aos doutoramentos) e tecnológica, com a possibilidade de empresas portuguesas ligadas às universidades poderem ter a sua base em Macau e vice-versa: empresas chinesas a partir de Macau poderem colaborar mais com universidades portuguesas. Em estudo estão doutoramentos em associação e o envio de docentes em licença sabática para Macau. Rendas destaca a microelectrónica e a medicina tradicional como duas áreas com potencial de colaboração. ■ C.C. e M.Q.

Ana Teresa Correia, 27 anos, é uma das alunas deste instituto e conta a razão porque decidiu aprender chinês: “É uma aposta num mercado de trabalho interessante se as coisas não correrem bem por aqui”, admite a tradutora da Universidade do Minho.

Falar com o Oriente

A pensar em preparar-lhes o caminho para melhores oportunidades no futuro, há já muitos pais a pôr os filhos a aprender chinês. O Museu do Oriente abriu, em Janeiro, um curso de chinês para crianças e tem já a decorrer duas edições, enquanto “a lista de espera não pára de crescer”, diz Manuela d’Oliveira Martins, directora do museu.

Mas se há quem esteja apenas a preparar o futuro, há também quem já sinta, hoje, a necessidade de saber esta língua e perceba que dominá-la se está a tornar um factor de competitividade muito interessante. “Temos muitos alunos que lidam diariamente com empresas chinesas e que querem compreender melhor o lado de lá”, diz Sun Lam.

Também Margarida Esteves, 29 anos, decidiu aprender mandarim porque acredita que lhe pode vir a ser útil conhecer uma das línguas mais faladas do mundo. “Conseguindo dominar minimamente a língua, acredito que haja mais oportunidades a nível profissional. Mais do que isso, o que me parece ainda mais vantajoso é saber mandarim e português, tendo em conta a aproximação que tem havido entre a China e os países lusófonos, sobretudo a nível económico”, acrescenta a jornalista.

No caso da oportunidade se proporcionar, há também quem pense mesmo em ir viver para a China. “Imagino-me a viver lá. Para já, não estou a pensar ir, mas está tudo em aberto”, diz Ana Correia, que viajou sozinha durante dois meses por este país e adorou a experiência.

Para quem pense em fazer as malas e partir, “o mais importante é aprender a língua. Não há alternativa. É de uma importância crítica”, defende Brian Renwick, o ‘partner’ responsável pelo desenvolvimento da Boyden na China, que esteve em Portugal, em Outubro passado, para participar na conferência “Multiculturalismo: contributo da China para a economia global”, que decorreu na AESE. Segundo Brian Renwick, é um ótimo país para quem queira abrir o seu próprio negócio e um “grande mercado” “para os mais jovens, que dominem a língua. Já para os profissionais mais velhos e já com uma carreira feita, “é mais difícil”. Porque a cultura dominante dita que o patrão é como um pai e é esperado dos funcionários que obedeçam. E o ‘partner’ da Boyden não tem dúvidas: “a China vai ser a maior economia mundial, dentro de dez anos” e quem souber chinês apanha o comboio na frente. ■ Carla Castro

ANO DO DRAGÃO NA CHINA



É preciso saber

Empresas europeias deviam incluir executivos asiáticos nos lugares de topo, conclui a Heidrick & Struggles.

As empresas europeias deviam apostar mais em ter executivos de origem asiática nos lugares de topo se querem conquistar esse mercado emergente que é a China. A conclusão é do estudo “Diversidade de talento: uma estratégia para dançar com o dragão no século XXI” da Heidrick & Struggles. É que apenas 0,5% dos directores com cargos não executivos nos conselhos de administração das principais empresas europeias são de origem asiática, conclui a ‘executive search’ no seu “2009 Cor-

porate Governance Report”.

O estudo destaca como os Estados Unidos apanharam o comboio, à frente da Europa, nesta questão do desafio chinês. “A diversidade tende a ser uma questão de agenda mais para as empresas norte-americanas do que para as europeias”, resume James Wei, membro executivo do conselho de administração da Beiersdorf, o único executivo de origem asiática do DAX 30, citado neste estudo.

Uma minoria de apenas 30% dos executivos europeus acredita que as suas empresas estão bem preparadas para os desafios dos mercados emergentes como a China e reconhecem a sua própria vulnerabilidade face ao novo poder emergente do Leste. Na Europa, “são precisos uma média de 10, 12 anos para [um asiático] chegar a uma



Darley Shen / Reuters

sdfs
fsdfsdfsdfsdfs
fsdfsdfsdfs



dançar com o dragão

Do lado da China, os serviços financeiros foram o sector que mais recrutou executivos de topo nos últimos anos.

posição sénior e 20 ou 25 para atingir um lugar no conselho de administração”, diz James Wei.

A conclusão é que as empresas que continuam a manter apenas uma relação comercial com a China – e falhem em conseguir um compromisso maior com esta nova potência – arriscam-se a enfrentar o perigo de um isolamento cultural euro-cêntrico, conclui a Heidrick. Kit Fan, vice-presidente para a Ásia da Lafarge, deixa a garantia: “a qualidade dos talentos chineses em termos de capacidade de liderança, competência a vários níveis e visão estratégia melhorou muito nos últimos 15 anos”.

Tendências de recrutamento na China

Do lado da China, os serviços financeiros são o sector que mais recrutou exe-

cutivos de topo, entre 2009 e 2011, segundo um outro estudo da Heidrick & Struggles dedicado à China: “Tendências de recrutamento no mercado chinês”. A seguir, com 24%, vem a indústria e o sector do consumo, com 20%. Com valores de recrutamento bem abaixo surgem a Saúde e Farmacêuticas (10%), tecnologia (8%) e serviços profissionais (6%).

Por área funcional, no período em análise, a China recrutou essencialmente para cargos de CEO/administração (22%). Muito abaixo vêm as áreas das vendas, 14%, marketing (9%), CFO/director financeiro (8%), CHR/director de recursos humanos (6%), Legal, Risco & Compliance (4%), I&D (3%), CIO/Director de Sistemas de Informação (2%) e COO/Director de Operações (2%). ■ c.c.

ONDE PODE TER AULAS DE MANDARIM

Instituto Confúcio nas universidades de Lisboa e do Minho

Tal como o Camões, o Cervantes ou o Goethe, a China tem o Instituto Confúcio, que está a abrir portas em cada vez cidades por todo o mundo. Em Portugal, existem dois: um na Universidade do Minho – o mais antigo, desde 2006, com cerca de 150 alunos – e outro na Universidade de Lisboa, com 300 alunos, que abriu portas em 2008. Ambos dão conta do aumento da procura, que os levou a aumentar o número de vagas. Os cursos são, essencialmente, para aprender a língua, mas também incluem a componente cultural. “Tenta-se sempre fazer pequenos workshops de caligrafia chinesa, com papel de arroz e pincel, o ritual do chá, pequenos seminários de filosofia e geografia, etc.”, afirma ... do instituto do Minho. “Os estudantes querem aprender sobre a cultura chinesa aprendendo chinês”, afirma Zhu Li, a directora do instituto em Lisboa. C.C.



Chinês para crianças no Museu do Oriente e escolas

As aulas de chinês para crianças no Museu do Oriente têm sido um sucesso. “A lista de espera não pára de crescer”, diz a directora do museu, Maria Manuela d’Oliveira Martins. Estas aulas são procuradas por “pais preocupados com o futuro dos filhos, que estão atentos às novidades e em despertar interesses nestes”, acredita a directora. O chinês é uma língua de difícil aprendizagem, acrescenta, “pelo que quanto mais cedo se aprender, mais simples se torna”. Com o poder económico da China a aumentar e as oportunidades de negócio a crescerem, “há necessidade de investir na aprendizagem da língua para, no futuro, as comunicações serem mais fáceis”, adianta a responsável. Além do Museu do Oriente, existem escolas com ensino de chinês, mas são poucas, daí, talvez, o sucesso desta iniciativa. O Confúcio do Minho tem um projecto de ensino de chinês que corta já com sete escolas, duas delas públicas e uma oferece o mandarim como língua estrangeira curricular, com um total de 19 turmas e cerca de 150 alunos. C.C.



Universidades

Algumas universidades têm, além dos cursos livres, licenciaturas e mestrados dedicados aos estudos orientais. Na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa existe a licenciatura e o doutoramento em Estudos Asiáticos, na Faculdade de Ciências Humanas da Católica há um mestrado e uma pós-graduação em Estudos Orientais e a Universidade de Aveiro tem, em colaboração com o ISCTE, um mestrado de Estudos Chineses. O ensino do mandarim faz ainda parte do plano de estudo de algumas licenciaturas em várias universidades. A primeira licenciatura em Portugal surgiu na Universidade do Minho com o ‘major’ em chinês, em 2004, que é hoje a licenciatura em Línguas e Culturas Orientais. Uma novidade surgiu, este ano, no Instituto Politécnico de Leiria, onde já existe a licenciatura de Tradução e Interpretação Português-Chinês e Chinês-Português: os diplomados da Escola Superior de Tecnologia e Gestão (ESTG) vão ter formação em mandarim nas áreas de engenharia, tecnologias e gestão e o formador será um docente do Instituto Politécnico de Macau. C.C.



Cursos livres e escolas de línguas

A oferta do ensino da língua chinesa passa também por cursos livres em universidades e escolas privadas de línguas. É possível também ter aulas no Centro Científico e Cultural de Macau e Delegação Económica e Comercial de Macau. Além dos institutos Confúcio, na Universidade de Lisboa e Universidade do Minho, existe o Instituto de Estudos Orientais, na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica, e o Instituto Oriental na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Habitualmente, as aulas têm poucos alunos e muitos vão desistindo pelo caminho, porque aprender chinês não é fácil. Só a caligrafia é um mundo, com milhares de caracteres desconhecidos para um ocidental. É preciso empenho e, se possível, estudar em casa. Se tiver alguma dedicação, ao fim de um ano de chinês uma vez por semana, pode ter a pretensão de manter uma conversação básica. Com uma média de 200 horas de estudo, segundo o Confúcio do Minho. C.C.





Pich, Chuang / Reuters



JOBS!

(亦賈伯斯)

我要工作!

Aprender chinês pode ajudá-lo a encontrar emprego: saiba como

Conheça as histórias e os motivos que levam cada vez mais portugueses a procurar cursos de mandarim e a investir na cultura chinesa. [P.2/3](#)



Aprender chinês é trunfo para encontrar emprego

SUPLEMENTO

